

FRASEOLOGIA: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DAS LOCUÇÕES VERBAIS

Monissa Mattos*

RESUMO: Por toda diversidade de estruturas e de denominações, e por suas especificidades, a fraseologia é um dos elementos de maior dificuldade para quem estuda um idioma e/ou trabalha com uma língua estrangeira. Um dos maiores empecilhos para a sua compreensão encontra-se na grande quantidade de variação denominativa referente a estruturas muito semelhantes conceitualmente. Portanto, este artigo objetiva apresentar uma delimitação conceitual eficiente de fraseologia, através de um estudo da literatura especializada, a partir do qual se poderá identificar as características deste fenômeno e entendê-lo melhor. Detenho-me, mais especificamente às estruturas sintáticas conhecidas como locuções verbais já que essas unidades são idiomáticas e não permitem uma tradução literal, fato que justifica a sua complexidade.

Palavras-chave: Fraseologia – Locuções verbais – Língua Estrangeira

Conhecer e estudar as expressões típicas de um idioma é fundamental para adquirir-se um desempenho linguístico fluente, já que não basta apenas conhecermos a gramática e o vocabulário de uma língua. Sendo assim, ao aprendermos uma língua estrangeira, o estudo destas unidades possibilita uma aprendizagem ao mesmo tempo linguística e cultural,

* Mestranda da UFRS

posto que através destas expressões o homem fala de seus costumes, de seus pensamentos e ideologias, resultado da história de cada povo.

No entanto, além das dúvidas dos aprendizes referentes a unidades fraseológicas, muitas vezes os próprios professores da língua estrangeira desconhecem o significado dessas expressões, e os livros didáticos, que são repletos dessas unidades, poucas vezes trazem o equivalente na língua do aluno. Diante desses fatos, não é difícil perceber que professores e alunos recorrem a dicionários bilíngues com o objetivo de compreender essas expressões que são tão idiomáticas e de difícil compreensão. Entretanto, muitas vezes, ditos dicionários trazem problemas com relação à apresentação dessas unidades fraseológicas, como falta de metodologia para detectar expressões idiomáticas, falta de critério para marcar o elemento lematizado, falta de critério estatístico (muitas unidades corriqueiras na língua não estão registradas nessas obras, em detrimento de outras pouco utilizadas). Deste modo, o que deveria servir para orientar, acaba deixando o consulente com as mesmas ou mais dúvidas ainda.

Podemos dizer que os problemas que livros didáticos, dicionários e outras obras lexicográficas apresentam com relação ao tratamento das fraseologias ocorrem, em grande parte, devido à insuficiência de estudos mais rigorosos sobre a natureza dessas expressões, dado que o estudo de fraseologia é ainda muito recente e trata-se de um assunto bastante complexo.

Portanto, por toda diversidade de estruturas e de denominações, e por suas especificidades, a fraseologia é um dos elementos de maior dificuldade para quem estuda um idioma e/ou trabalha com uma língua estrangeira. Um dos maiores empecilhos para a compreensão do que é a fraseologia e do que ela trata encontra-se na grande quantidade de variação

denominativa referente a estruturas muito semelhantes conceitualmente. Até mesmo os especialistas têm consciência de que é difícil achar um limite que diferencie todos os tipos de combinatórias de uma língua. Desta maneira, cada autor divide os fraseologismos de uma língua conforme seus estudos e suas convicções.

Considerando que nem sempre o professor está preparado ou tem conhecimentos suficientes acerca do vasto conjunto de fraseologias que contém a língua estrangeira que ensina, e que o aluno que a estuda precisa saber comunicar-se nos diferentes contextos discursivos, os quais exigirão, em algum momento, o domínio de expressões típicas da língua, e, tendo em vista a dificuldade de reconhecimento de fraseologias e a diversidade de designações existentes, este artigo visa apresentar um estudo da literatura especializada, para identificarmos as características deste fenômeno, entendê-lo melhor e buscar uma delimitação conceitual eficiente.

Dentro deste estudo tenho como objetivo reconhecer e identificar as estruturas sintáticas conhecidas como locuções verbais. Opto por estudar esse tipo de locução devido ao grau de figuratividade/ não transparência que a maioria apresenta e por serem expressões que, devido a sua idiomaticidade¹, não permitem uma tradução literal, fato que justifica a sua complexidade e implica em dificuldades no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, principalmente, no momento da produção. A língua estrangeira que serve de base para a pesquisa é a língua espanhola, por ser o idioma com o qual trabalho, e o qual leciono.

¹ Idiomaticidade entendida aqui nos termos de Tagnin (2005): como sinônimo de significando “não transparente” ou “opaco”, na qual a soma dos constituintes da unidade não justifica o significado da expressão, que é depreendido pelo conjunto.

REVISÃO DA LITERATURA: A FRASEOLOGIA DA LÍNGUA COMUM

A fraseologia é ainda objeto de poucos estudos no Brasil, sendo que os primeiros estudos realizados nesta área foram feitos com relação à Língua Comum (LC)². De modo geral, pode-se entender por unidade fraseológica as combinatórias de mais de uma palavra, de caráter estável e típicas de uma determinada língua ou área especializada (*pão duro; reciclar resíduos*). No entanto, diversos autores tratam deste fenômeno linguístico através de diferentes posições com relação ao seu critério de formação e suas características.

Tendo em vista os diferentes tratamentos dado às combinações de palavras de uma língua e à diversidade de denominações que existem, será feito, a seguir, um estudo das contribuições acerca da fraseologia da LC feita por diferentes autores ao longo dos estudos lexicológicos, a fim de identificar os aspectos que caracterizam ditas combinações.

SAUSSURE

Apesar de Saussure não ser frequentemente citado na literatura que trata da fraseologia, não podemos deixar de considerar que ele foi um dos primeiros linguistas que refletiu acerca do caráter sintagmático da língua: “o sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: *re-ler, contra todos; a vida humana; se fizer bom tempo, sairemos* etc.)” (Saussure, 2006, p. 142).

² Língua Comum diferencia-se da Língua Especializada (LE) devido à situação em que é utilizada. Apesar de ambas fazerem uso do mesmo sistema fonológico, morfológico e sintático, a primeira “é utilizada para o intercâmbio de índole geral, sem orientação específica dada por algum campo do saber. Seus usuários são os falantes de uma comunidade linguística e a situação comunicacional é informal” (Bevilacqua, p.18 1996), enquanto que a LE é típica de uma determinada área especializada, como por exemplo: *proteger o meio ambiente, politicamente correto*, etc. e é utilizada por especialistas em uma situação formal.

Qualquer frase, para este autor, é uma sequência de signos, em que a soma de todos os signos colabora para o significado do todo. Os signos, portanto, estão ordenados em uma determinada maneira a fim de ocasionar significação específica. Fica claro perceber, então, que Saussure já trazia a idéia de que as palavras se juntam para formar um significado global específico, diferente da soma do significado de cada palavra.

Em sua obra *Curso de Linguística Geral*, Saussure afirma que existe um grande número de *frases feitas* pertencentes à língua, às quais o uso impede qualquer modificação, como exemplo o autor cita *de que adianta; estar de lua*, (p. 144) entre outros. Segundo o autor, essas expressões são fornecidas pela tradição e, portanto, não podem ser improvisadas. Daí podemos depreender o caráter cultural de ditas unidades.

Conforme o autor, a formação de uma palavra como *desejoso (desej+ojo)* “trata-se de um produto, uma combinação de dois elementos solidários, que só tem valor pela sua ação recíproca em uma unidade superior” (ibid., p. 148). Embora Saussure trate, mas precisamente, da formação morfológica das palavras simples, ou compostas, seu princípio também pode ser aplicado a unidades maiores, assim como afirma Bevilacqua (1996), ao analisar a proposta de Saussure:

Embora possamos considerar sua proposta como um princípio constitutivo dos sintagmas e que, portanto, se vale para unidades mínimas também pode ser aplicado à unidades maiores, ela representa, de certa forma, uma restrição para a análise dos agrupamentos, pois limita-se às regras da língua e desconsidera a liberdade expressiva que ocorre na fala ou em determinado discurso. (Bevilacqua, 1996, p. 21)

Saussure reconhece que a língua apresenta unidades que não estão em uma relação sintagmática, como podemos ver em *sim; não; obrigado* (2006, p.149); no entanto, de acordo com o autor esse fato não é o suficiente para compreender o princípio geral:

Via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua tudo se reduz a agrupamentos. Esse mecanismo que consiste num jogo de termos sucessivos, se assemelha ao funcionamento de uma máquina cujas peças tenham todas uma ação recíproca, se bem que estejam dispostas numa só dimensão. (ibid., p.149).

Essa noção de agrupamento, de relação sintagmática, ou de que não falamos por palavras isoladas, aparecerá nas abordagens de outros autores que tratam, mais diretamente, de fraseologia. Podemos perceber, portanto, que, apesar de Saussure não ser muito citado na bibliografia especializada, ele foi um dos primeiros linguistas que tratou de questões que serão retomadas por outros autores ao se referirem às características e definições das unidades fraseológicas³.

BALLY

Bally, discípulo de Saussure, afirmou, em sua obra **Traité de Stylistique Française** (1951), que a assimilação dos fatos de linguagem se faz por associações e agrupamentos, assim como já havia constatado Saussure. Bally tenta deixar claro que nossa memória retém muito melhor as palavras em grupos do que as palavras isoladas: “Nunca poderíamos conservar, nem empregar todas as palavras que sabemos da língua materna, se tivéssemos de aprendê-las separadamente”⁴ (1951, p. 67). Deste modo, para este autor a associação de palavras é o principal motivo da rápida assimilação do idioma materno.

³ Esse termo *unidade fraseológica*, é utilizado por Corpas Pastor e será utilizado neste trabalho para se referir a fenômenos fraseológicos de todos os tipos, por ser um termo genérico e bastante utilizado na Europa continental, a antiga URSS e os demais países do Leste, conforme Corpas Pastor, 1996, p. 18.

⁴ Original: “jamais nous ne pourrions conserver ni employer tous les mots que nous savons de la langue maternelle, si nous devions les apprendre séparément”.

Portanto, se as combinações de palavras de uma língua são importantes para assimilarmos a língua materna podemos depreender que, sem dúvida nenhuma, elas também são importantes para o aprendizado de uma língua estrangeira e por isso torna-se tão importante estudá-las.

Segundo Bally, os agrupamentos podem ser passageiros, neste caso eles se separam logo após de serem formados; ou, devido à repetição, podem ter mais fixidez, receber um caráter usual e formar unidades indissolúveis, tornando-se mais estáveis:

Pode-se, portanto, dizer que a combinação das palavras entre elas varia de aspecto nos limites formados por dois casos extremos: 1) a associação se desintegra imediatamente após sua formação, e as palavras que a compunham recobrem sua inteira liberdade de se agrupar de outra maneira; 2) as palavras, à força de serem empregadas em conjunto para a expressão de uma mesma idéia, perdem toda a autonomia, não podem mais se separar e só têm sentido pela sua união”⁵ (Saussure, 1951, p. 68).

No entanto, de acordo com o autor, há, ainda, outros grupos intermediários situados entre esses dois casos extremos, os quais são chamados de

- “séries fraseológicas” ou “agrupamentos usuais”: há série ou agrupamento usual quando os componentes do grupo, isoladamente, conservam sua autonomia, mas sempre mostrando no conjunto uma afinidade que os aproxima; como exemplo o autor cita as palavras

⁵ Original: “On peut donc dire que la combinaison des mots entre eux varie d’aspect dans les limites formées par deux cas extrêmes: 1) l’association se désagrège aussitôt après sa formation, et les mots qui la composaient recouvrent leur entière liberté de se grouper autrement; 2) les mots à force d’être employés ensemble pour l’expression d’une même idée, perdent toute autonomie, ne peuvent plus se séparer et n’ont de sens que par leur réunion”.

malade (doença) e *gravement* (grave), que são palavras independentes no seu emprego, mas que, para indicar a intensidade da doença, o uso consagrou um certo número de advérbios para combinar-se com *malade* (*sérieusement, gravement, dangereusement*), excluindo outros. Neste caso, o grau de coesão é relativo;

- “unidades fraseológicas”: neste caso as palavras que compõem a unidade perdem totalmente sua significação quando separadas do conjunto; é somente através do conjunto, portanto, que se obtém uma significação e não pela soma de seus constituintes, “o sentido se impõe com mais força e o grupo se reproduz tal qual a cada repetição” ⁶ (ibid., p. 75). São exemplos deste tipo as locuções verbais e adverbiais, como *sem cessar, mais ou menos*, etc. Neste caso o grau é absoluto.

As unidades fraseológicas, segundo Bally, são identificadas por:

a) Índices exteriores (relacionados à forma dos agrupamentos): a unidade é formada por várias palavras separadas pela escrita; a ordem das palavras é invariável e não podem ser separadas por outras; impossibilidade de substituição de alguma palavra do grupo. Bally adverte, no entanto, que essas condições podem não ser suficientes para caracterizar uma locução fraseológica e que há locuções perfeitamente caracterizadas, mas que não respondem a essas condições (*toujours*, por exemplo, é escrita em uma só palavra).

⁶ Original: “le sens total s’impose avec plus de force et le groupe se reproduit tel quel à chaque répétition”.

Assim, para Bally, os verdadeiros índices para se reconhecer um agrupamento fraseológico não são os índices exteriores, mas sim os que vêm a seguir:

b) Índices interiores (relacionados ao modo como os falantes entendem os agrupamentos): equivalência da “locução” a uma palavra única; o esquecimento do sentido dos elementos (o falante não pensa nas palavras isoladas); presença, na “locução”, de arcaísmos (apesar de não serem mais utilizados na linguagem corrente os arcaísmos são “retomados” em algumas unidades) e de elipse.

Enfim, segundo Bally, temos na língua unidades na qual a coesão dos termos é absoluta, enquanto que em outras a coesão é relativa. Assim, a relação entre o fato do pensamento e o fato de linguagem fica gravada na memória e tende a ser reproduzida na linguagem; quando a associação alcança o seu mais alto grau de coesão, o grupo é consagrado pelo uso (Bally chama esses grupos consagrados pelo uso de *locuções fraseológicas*).

Considerando a complexidade do fenômeno fraseológico e a escassez de estudos nesta área na época em que Bally trouxe suas ponderações acerca das unidades fraseológicas, podemos considerá-lo um autor importante para o estudo da fraseologia, posto que ele foi o primeiro estudioso a falar em graus de fixação dos grupos de palavras – ou seja, ele se deu conta de que algumas palavras tendem a se combinar mais “intimamente” do que outras –, além de propor de forma precursora índices para reconhecimento de ditas unidades, os quais serão retomados por outros autores ao longo dos estudos fraseológicos, como veremos.

ZULUAGA

Zuluaga trata da fraseologia a partir da linguística funcional, a qual, segundo ele, apresenta duas distinções fundamentais: a *técnica do discurso* que abarca as unidades linguísticas e os elementos e as regras que são necessários para a sua combinação no falar; e o *texto repetido* constituído pelas unidades “formadas por combinação fixa de duas ou mais palavras” (1975, p.1). Segundo Zuluaga, essas expressões fixas podem ser chamadas de *ditos*, *modismos*, *fórmulas*, *frases feitas*, *refrões*, etc.

O autor afirma que as regras que formam ditas expressões, por serem fixas, não são as mesmas que formam as unidades livres. Dessa forma, a característica fundamental das expressões fraseológicas para Zuluaga é a estabilidade, decorrente da fixação. Essas unidades são reproduzidas pelos falantes que as utilizam sem alterá-las ou suprimir algum componente, de modo que ditas expressões são repetidas sempre da mesma forma, por isso são unidades de texto repetido.

Zuluaga analisa as características dessas unidades, as quais ele chama de *expressões fixas*. Primeiramente o autor divide a fixação em 4 tipos:

1. Inalterabilidade da ordem dos componentes (*común e corriente* / **corriente y común*).
2. Invariabilidade de alguma categoria gramatical (*pagar los platos rotos* / **pagar el plato roto*).
3. Não admissão da operação de inserção (*poner pies en polvorosa* / **poner ambos pies en polvorosa*).
4. Impossibilidade de substituição dos componentes da unidade (*a brazo partido* / **a brazo quebrado*).

Para Zuluaga, as expressões fixas pertencem à fala: “são produtos de ‘instancias de discurso’ – no sentido de Benveniste –, que logo se repetem sem ser alterados” (ibid.,

p.5)⁷. O autor afirma que a fixação é arbitrária, já que não há nenhuma explicação semântica ou sintática que justifique, por exemplo, o fato da expressão *buenas noches* ser fixada no plural, enquanto que em português está fixada no singular. Essas expressões, portanto, têm a forma que têm devido ao uso repetido dos falantes.

Assim como Bally, Zuluaga também faz algumas observações acerca dos graus de fixação. Segundo o autor, há várias escalas de fixação dentro de uma língua; no entanto, o importante, conforme Zuluaga, é distinguir as combinações fixas das que não são fixas e determinar os tipos de fixação que apresentam. Dessa forma, Zuluaga apresenta casos em que o grau de fixação da expressão não é absoluto:

- intercalação na expressão fraseológica de elementos que não pertencem a ela (*todo queda en familia; todo queda, como quien dice, en familia*). De acordo com Zuluaga, a intercalação permite identificar certa autonomia dos componentes dentro da unidade. Esse tipo de expressão não apresenta coesão absoluta entre seus constituintes, mas devem apresentar outro tipo de fixação (como impossibilidade de substituição dos componentes, por exemplo), caso contrário, não será uma expressão fraseológica;
- alteração da ordem dos elementos componentes: como ocorre com a expressão *caer gordo* para “*qué gordo me caen los gringos*”;
- transferência real de toda expressão fraseológica: por exemplo *afirmación falsa* ‘! *la falsedad de la afirmación*; *tomar el pelo* ‘! *tomador de pelo*.

⁷ Original: “son productos de ‘instancias de discurso’- en el sentido de Benveniste - , que luego se repiten sin ser alterados”.

Podemos perceber que algumas expressões fraseológicas podem apresentar variação formal e semântica, sem que percam seu caráter de fixa, sem que haja uma variação semântica de toda a expressão, ou a decomposição do significado. Zuluaga retoma, portanto, a idéia de variação de graus de fixação das unidade já apresentada por Bally.

CORPAS PASTOR

Buscando amenizar a imprecisão de termos utilizados para definir os diferentes tipos de combinações de palavras de uma língua e no intento de encontrar uma denominação que contivesse as características mais sobressalentes de ditas unidades, Corpas Pastor, em sua obra *Manual de fraseología espanhola*, opta pela denominação *unidade fraseológica*⁸ (UFS), por considerá-lo um termo genérico e bem aceito nos lugares onde mais se tem pesquisado sobre os sistemas fraseológicos das línguas⁹.

A partir de trabalhos já escritos sobre o tema¹⁰, a autora identifica as características mais sobressalentes das unidades fraseológicas e conclui:

Las unidades fraseológicas - objeto de estudio de la fraseología - son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomática y variación potenciales; así

⁸ *Unidad fraseológica* em espanhol.

⁹ Estes lugares são a Europa continental, a antiga URSS e os demais países do Leste.

¹⁰ De autores como Casares, 1992; Cowie, 1995; Gläser, 1986b; Braasch, 1988; Gross, 1988; entre outros.

como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos. (Corpas Pastor, 1996, p. 20)

Corpas Pastor apresenta brevemente estes aspectos, propondo, assim, as características da combinatória léxica:

- a) Frequência: apresenta duas vertentes. A primeira chamada de *frequência de coaparição* (os elementos constituintes de uma UFS apresentam uma frequência de aparição conjunta maior do que a frequência de aparição de cada palavra sozinha) e a segunda chamada de *frequência de uso* (alta frequência de aparição das expressões fixas em geral). A frequência torna-se uma característica sobressalente, posto que quanto mais usada for uma combinação, mais chances terá de se consolidar como expressão fixa.
- b) Institucionalização: o uso frequente das UFS pode culminar em sua institucionalização, ou convencionalidade. Neste caso, a repetição conduz a fixação da expressão, ficando excluídas outras formas que também poderiam ser usadas, segundo o sistema linguístico. De acordo com Corpas Pastor, a institucionalização caracteriza as produções linguísticas dos falantes, uma vez que eles, de modo geral, não criam suas próprias combinações de palavras, mas utilizam combinações pré-fabricadas, ou seja, já criadas e reproduzidas no discurso. Isso justifica a importância de estas combinações serem registradas em dicionários, uma vez que funcionam como “unidades do léxico mental, ou seja, se armazenam e se usam como entidades completas em maior ou menor grau”¹¹. (Pastor, 1996, p. 22)

¹¹ Original: “unidades del lexicón mental, es decir, se almacenan y se usan como entidades completas en mayor o menor grado”.

c) Estabilidade: esta característica abarca fenômenos de institucionalização e de lexicalização. De acordo com Pastor, a institucionalização compreende duas características essenciais:

- a fixação/ estabilidade formal: trata-se de uma estabilidade arbitrária, estabelecida pelo uso. A fixação pode ser interna ou externa. A fixação interna pode ser de dois tipos: *material*, como a impossibilidade de reordenação, de inserção, supressão, etc., e *de conteúdo*, o qual abarca as peculiaridades semânticas. A fixação externa compreende vários subtipos, que abarcam desde unidades linguísticas utilizadas em determinadas situações sociais (como *encantado en conocerle*) até unidades usadas em determinadas posições na formação de textos (como despedidas de cartas, por exemplo).

- especialização semântica/ lexicalização: A comunidade falante ao estabelecer uma associação direta e homogênea entre a UF e a interpretação de seu conteúdo semântico, possibilita que a unidade esteja pronta para sofrer uma mudança semântica. A especialização semântica compreende duas vertentes. A primeira se adquire como resultado da soma do significado¹², e a segunda é o resultado da supressão de significado¹³. Segundo Corpas Pastor, primeiro ocorre a fixação e, posteriormente, pode haver uma mudança semântica.

¹² Corpas Pastor cita como exemplo a expressão *poner el dedo en la llaga* (acertar com a verdadeira origem do mal, com aquilo que mais afeta a uma determinada pessoa, DILE). Podemos pensar na expressão *por o dedo na ferida* em português.

¹³ Corpas Pastor cita como exemplo a expressão *hacer alusión* = “aludir”. Podemos pensar em *levar em consideração* = “considerar” em português.

d) **Idiomaticidade:** essa característica traz consigo a idéia de que o sentido unitário da unidade não se justifica pelo significado individual de cada constituinte. De acordo com Corpas Pastor (p.26), o termo *idiomático* foi empregado tanto no sentido etimológico de ser peculiar a uma língua, quanto no sentido de característica própria de certas combinações fixas (opacidade semântica). As UFS podem apresentar dois tipos de significado denotativo – o *literal* e o *figurativo* (idiomático). O significado denotativo figurativo é resultado de processos metafóricos e/ ou metonímicos. De onde podemos depreender que algumas fraseologias são produtos de metáforas e metonímias utilizadas pelos falantes.

e) **Variación:** essa característica está relacionada com a idéia de que a fixação das UFS é relativa¹⁴:

La variación fraseológica constituye un universal lingüístico (Dobrovól'skil, 1988:159), a partir del cual se puede medir el grado de regularidad de un sistema fraseológico dado: cuantas más variaciones, transformaciones y modificaciones presenten los fraseologismos de una lengua, más regular es su sistema fraseológico. (Corpas Pastor, 1996, p.28)

f) **Variantes:** Carpos Pastor retoma as reflexões sobre variantes de Zuluaga, que não foram tratadas neste trabalho, na parte que coube a esse autor. De acordo com Corpas Pastor, duas UFS podem ser consideradas variantes quando fizerem parte de uma mesma língua funcional, não apresentarem significados diferentes, serem independentes dos contex-

¹⁴ A autora cita como exemplo a expressão *alzarse/cargar con el santo y la limona* (apropriar-se do que pertence a alguém, e, ademais, ao alheio, LDPL). Ao falarmos em fixação relativa podemos pensar em português na unidade *colocar/pôr lenha na fogueira*.

tos onde aparecem, serem parecidas em sua estrutura e em seus componentes e serem fixas no sentido de serem estáveis¹⁵. Corpas Pastor chama atenção para o fato de que as variantes se diferem das variações por derivação (*ser un culo/culillo de mal asiento* - “pessoa que muda muito de emprego, residência”, DUE (1996, pg. 29)), e das transformações (*metedura de pata* a partir de *meter la pata* - “intervir em alguma coisa com ditos ou feitos inoportunos”, DRAE). Não podemos confundir, ainda, variantes com variações diatópicas e diafásicas.

- g) Modificações: segundo Corpas Pastor, quanto maior for o grau de fixação de uma UF, maiores são as suas chances de sofrer uma modificação no discurso, de modo que essa modificação seja reconhecida pelos falantes. A autora explica este fato através do conceito de *palavra potencial* das autoras rusas Alexandrova e Ter-Minasova, as quais acreditam que os constituintes das UFS funcionam como palavras potenciais que obtém um novo significado devido o significado global da unidade.
- h) Gradação: essa característica se refere ao fato da UFS apresentarem várias das características anteriores em graus diferentes. Há, portanto, uma escala gradual que se dá tanto na estrutura semântica como em outras características (institucionalização, variação e fixação). Essa característica é considera-

¹⁵ Como exemplo a autora cita as variantes *todo queda en casa* e *todo queda en familia* (resolver um assunto sem que transcenda do âmbito familiar, LDPL). Adverte ainda que a unidade **todo queda en hogar* não é usada. Em português podemos pensar nas variantes *soltar o verbo* e *soltar os cachorros*, mas não em **soltar o substantivo* ou **soltar os gatos*.

da muito importante entre os estudiosos de fraseologias, servindo, até mesmo, como parâmetro para classificação das unidades.

A partir do levantamento dessas características e de estudos sobre concepções de fraseologia de diversos autores, Corpas Pastor apresenta sua proposta de classificação das unidades fraseológicas em espanhol. Dita classificação pode nos ajudar a entender o lugar que as locuções do espanhol ocupam para essa autora.

Corpas Pastor estabelece dois grupos de UFS: as que não constituem enunciados completos, e as que são enunciados completos (oração simples ou composta). O primeiro grupo abarca unidades que precisam se combinar com outros signos linguísticos, já que não constituem ato de fala, nem enunciado. Este grupo se divide em duas esferas - esfera I (UFS fixadas pela norma) e esfera II (compreende UFS do sistema). De acordo com Corpas Pastor, as locuções se encaixam na esfera II, do sistema, portanto, são consideradas livres, formadas por regras, mas que apresentam uma fixação demarcada pelo uso. O segundo grupo (enunciados completos), por outro lado, compreende as UFS que “pertencem exclusivamente ao acervo sócio-cultural da comunidade falante (ou seja, são unidades da fala)¹⁶” (Corpas Pastor, 1996, p. 51).

TAGNIN

Tagnin se refere às unidades fraseológicas da língua como “o jeito que se diz”, e usa o termo *expressões idiomáticas* para denominar ditas unidades. Ao falar em expressões idiomáticas a autora fala de convenção, daquilo que é aceito por todos:

¹⁶ Original: “pertenecen exclusivamente al acervo sócio-cultural de la comunidad hablante (es decir, son unidades del habla)”.

As convenções linguísticas são os ‘jeitos’ aceitos pela comunidade que fala determinada língua. Assim, podemos chamar de convencionalidade o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística. (Tagnin, 2005, pg. 14)

Tagnin explica o fenômeno fraseológico através da convencionalidade¹⁷: “a mesma noção de convenção pode se aplicar à língua, tanto no nível social, isto é, deve-se saber *quando* dizer algo, quanto no nível linguístico, ou seja, saber *como* dizê-lo” (Tagnin, 2005, p. 15).

Segundo Tagnin, existem expressões que são convencionais devido ao fato de estarem relacionadas a um fato social; por outro lado, há outras expressões em que o que é convencional é a sua forma. A autora cita como exemplo do 1º caso a expressão *Feliz Natal*, que é convencional por estar relacionado à celebração do Natal. Como exemplo do 2º caso, Tagnin cita a expressão *mundos e fundos* que se consolidou como expressão pois, convencionou-se combinar as palavras *mundos* e *fundos* e não *universos* e *profundidades*, por exemplo. Além disso, conforme explica a autora, a ordem na qual as palavras aparecem também foi convencionalizada; não se diz, por exemplo, *fundos e mundos*. Assim, fica claro perceber que Tagnin, embora não use os mesmos termos dos outros autores citados nesse trabalho, ao tratar de fenômenos fraseológicos, também traz características que revelam a fixidez, a estabilidade e a institucionalização (da qual fala Corpas Pastor) dessas unidades.

A convenção, de acordo com Tagnin, também pode estar no nível do significado, e, neste caso, estamos no campo da *idiomaticidade*:

¹⁷ A autora entende por convencionalidade “aquilo que é de uso ou de praxe; consolidado pelo uso ou pela prática” ou “que obedece a padrões aceitos; não original, comum” (HOUAISS)

Dizemos que uma expressão é idiomática apenas quando seu significado não é transparente, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos. Assim, bater as botas não significa 'dar pancadas com calçado que envolve o pé e parte da perna', mas quer dizer 'morrer'. (ibid., p. 16)

Assim, Tagnin chega à conclusão de que a expressão idiomática é sempre convencional, mas que nem toda a expressão convencional é sempre idiomática, já que existem expressões que são convencionais, mas são transparentes, portanto, não idiomáticas (como é o caso de *Feliz Natal*).

De acordo com Tagnin, a convencionalidade das expressões idiomáticas pode realizar-se em diversos níveis da língua: no nível sintático, semântico e pragmático. O nível sintático se refere à "combinabilidade dos elementos, sua ordem e sua gramaticalidade" (ibid., p. 17):

- combinabilidade: diz respeito ao fato de algumas palavras se combinarem com determinadas palavras de forma tão natural. Como exemplo, temos o caso do *coroca* que co-ocorre preferencialmente com *velha*, formando a expressão idiomática *velha coroca*. A única explicação possível para fenômenos como esse é a de que essa associação seja consequência do uso;
- ordem: a ordem dos elementos constituintes de uma expressão idiomática também pode ser resultado de convenção. Sempre dizemos, por exemplo, *cama, mesa e banho*, nesta ordem;
- gramaticalidade: há expressões que não estão de acordo com padrões gramaticais, mas que são aceitas pelos falantes; é o caso da expressão em inglês *by and large*, que combina uma expressão com um adjetivo, sendo que em estruturas com *and* as unidades linguísticas devem ser da mesma classe gramatical.

O nível semântico “observa-se a convencionalidade na relação não motivada entre uma expressão e seu significado” (Tagnin, 2005, p.19), como o caso de *bater as botas* significando “morrer”. O significado de uma imagem também pode ser convencionalizado, como na cultura ocidental, na qual tudo que é “para cima” é considerado bom e o que é “para baixo” é considerado ruim. Já o nível pragmático compreende o uso da língua em diferentes situações comunicativas. Neste caso, a situação exige um determinado comportamento social e a expressão que deve ser empregada na ocasião. Podemos pensar em quando se recebe algo de alguém como exemplo, na qual dita situação exige um agradecimento como *Muito obrigado* ou simplesmente *Obrigado*.

AS LOCUÇÕES

Apresento as contribuições acerca das locuções feitas por dois autores, Corpas Pastor e Casares, por considerá-los essenciais para o entendimento deste tipo de UFS. Posteriormente apresento a minha definição de locução sustentada nas afirmações de ditos autores.

Concepção de Corpas Pastor

De acordo com a autora, as locuções se parecem em alguns pontos com as combinações livres da língua e com unidades complexas. O que diferencia a locução de uma combinação livre é sua institucionalização, estabilidade sintático-semântica e sua função denotativa.

Um dos aspectos característicos das locuções é a coesão semântica e morfossintática. A coesão semântica se refere ao caráter de unidade de significação da locução e a coesão morfossintática é resultado da estabilidade formal de ditas unidades, a qual é comprovada a partir de provas e operações

formais. Essas provas de que fala Corpas Pastor é o que Zuluaga já havia apresentado ao subdividir a fixação em 4 tipos. As principais provas aplicadas, conforme cita Corpas Pastor, são:

- a) de **substituição**: consiste em substituir um dos componentes da unidade por um sinônimo, hipônimo ou hiperônimo; o resultado será a obtenção de uma sequência gramaticalmente correta, mas a coesão semântica será perdida¹⁸;
- b) de **eliminação**: com a supressão, ou até mesmo com a adição, apesar de se formar uma sequência gramatical, não se mantém o significado da UF¹⁹;
- c) de **deficiências deformativas**: aplicada, principalmente, às locuções verbais e se refere à ordem das palavras. Neste caso, há a impossibilidade de reordenar os constituintes da unidade, o que é permitido nas combinações livres²⁰.

Certamente as provas aplicadas às locuções descritas por Corpas Pastor e expostas aqui são úteis na identificação das locuções, por isso, neste trabalho, serão utilizadas algumas delas para o reconhecimento das locuções do espanhol. É interessante fazer o teste da substituição e de deficiências deformativas (reordenação) para identificarmos uma locução,

¹⁸ Como exemplo a autora cita a seguinte substituição de *mírame y no me toques* (frágil, fraco, débil; muito vistoso, FEESC) para **obsérvame y no me toques*. Em português podemos pensar em *lavar a alma* e **lavar o espírito*.

¹⁹ O exemplo citada por Corpas Pastor é *matar dos pájaros de un tiro* (fazer ou conseguir duas coisas com a mesma diligência, DRAE), com uma eliminação poderíamos ter **matar pájaros de un tiro*. Em português podemos pensar na expressão *matar dois coelhos de uma cajadada* para **matar coelhos de uma cajadada*.

²⁰ Como exemplo a autora cita a expressão **dar liebre por gato* no lugar de *dar gato por liebre*. Em português **vender lebre por gato* no lugar de *vender gato por lebre*.

no entanto, devemos estar atento para o fato de existirem outros tipos de UFS que também não permitem a substituição ou a reordenação dos constituintes, como é o caso das colocações (*visita relâmpago* e não **relâmpago visita*) e dos provérbios (*água mole, pedra dura, tanto bate até que fura* e não **água mole, madeira dura, tanto bate até que fura*). Podemos pensar, então, que as locuções, de modo geral, não permitem a substituição e a reordenação, mas nem toda a unidade que não permita essas modificações será uma locução.

Com relação à eliminação, acredito que, em alguns casos, é possível, sim, eliminar um constituinte e manter o significado da expressão, como por exemplo, a locução *pôr lenha na fogueira* admite uma adição: *pôr mais lenha na fogueira*. Portanto, esses critérios nos auxiliam a selecionar e identificar as locuções, mas temos que levar em consideração que, às vezes, eles podem falhar.

Corpas Pastor distingue os tipos de locuções existentes e explora cada um deles - locuções nominais, adjetivas, adverbiais e verbais:

Se trata de construcciones endocéntricas cuyo núcleo o elemento principal del sintagma podría sustituir, desde un punto de vista estrictamente formal (que no semântico), a la estructura entera y desempeñar sus mismas funciones. (Corpas Pastor, 1996, p. 94)

As locuções verbais

De acordo com Corpas Pastor, as locuções verbais “expressam processos, formando os predicados, com ou sem complementos²¹” (p. 102). A autora apresenta a variedade morfossintática dessas expressões, a qual podemos resumir a

²¹ Original: “expresan procesos, formando los predicados, con o sin complementos”.

partir do seguinte quadro que esquematiza a classificação feita pela autora nas páginas 102 e 103:

Tipo de locução	Formação	Exemplos
Binômios	Formados por dois núcleos verbais, unidos por conjunção, que podem receber complemento	<i>nadar y guardar la ropa, ir y venir [en]</i> (insistir em alguma coisa, dando voltas na imaginação, DRAE)
	compostos por verbo e pronome	<i>diñarla</i> (morrer, GDLE)
	verbo, pronome e partícula	<i>tormarla con (alguien/ algo)</i> (professar antipatia a alguém, buscar continuamente a ocasião para repreender, prejudicar, etc., LDPL)
	verbo, mais partícula associada à reação verbal, com ou sem complemento	<i>dar sobre (alguien)</i> (acometer com fúria, DRAE)
Padrões sintáticos complexos	verbo copulativo + atributo	<i>ser el vivo retrato de alguien</i> (parecer-se muito com alguém, DRAE)
	verbo + complemento circunstancial	<i>dormir como un tronco</i> (dormir profundamente, sem que nada pertube o sono, LDPL)
	verbo + suplemento	<i>oler a cuerno quemado</i> (cheirar mal, sentar mal; ficar nervoso; ser suspeito, FEESC)

	verbo + objeto direto com complementação opcional	<i>costar un ojo de la cara</i> (ter um preço muito elevado, LDPL); <i>dar cien vueltas a alguien</i> (avantajar-lhe muito, DALE)
--	---	--

Esquema 3: esquema elaborado a partir da proposta de classificação das locuções verbais apresentada por Corpas Pastor.

Uma questão importante, destacada por Corpas Pastor, é o fato de que essas locuções costumam aparecer em negativas: *no tener vuelta de hoja* (ser clara e indiscutível [uma coisa], DUE); *no tener dos dedos de frente* (ser de pouco entendimento, LDPL); *no tener un pelo de tonto* (ser esperto, DFEM), etc.

As contribuições de Corpas Pastor podem nos ajudar na identificação de locuções do espanhol, posto que além de apontar características dessas unidades, a autora apresenta, ainda, o seu processo de formação, o que nos ajuda a reconhecê-las.

Concepções de Casares

Casares utiliza o termo *locução* para designar as “combinações de vocábulos que oferecem sentido unitário e uma disposição formal inalterável”²² (Casares, 1992, p. 167). O autor define locução da seguinte maneira:

Combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido

²² Original: “combinaciones de vocablos que ofrecen sentido unitario e una disposición formal inalterable”.

no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes. [...] **Noche toledana** es locución, porque el hecho de conectar la ‘noche’ con ‘Toledo’ no justifica que con ambos vocablos se designe una ‘noche’ en la que no es posible dormir. (ibid., p. 170)

Ao contrário do que se costuma pensar sobre locuções, Casares acredita que apenas as locuções adverbiais não formam oração cabal, pois equivalem a advérbios e não têm função independente; no entanto, o autor afirma que existem locuções isoladas que são verdadeiras orações, como *nomeolvides* (ou *no me olvides*) que designa uma planta, ou *correveidile* (ou *corre, ve y dile*) que serve para despachar um mensageiro.

Segundo Casares, as locuções podem ser de várias espécies, de acordo com a estrutura, o conteúdo ou função. O autor distingue as locuções que são formadas por um ou mais elemento significante, ou seja, palavras as quais corresponde uma representação mental, idéia ou conceito (como “noche”, “oscura”, etc.), das que são formadas por partículas vazias de conteúdo semântico (*con tal que*), chamadas de *conjuntivas* y *prepositivas*. A primeira classe de locuções, chamada de *significantes*, compreende as locuções nominais, adjetivas, verbais, participiais (*hecho un brazo de mar*), pronominais e as interjectivas. O que interessa a este trabalho, no entanto são as locuções verbais.

As locuções verbais

Casares chama de locução verbal as expressões constituídas por um verbo que, ao assimilar seu complemento direto ou preposicional, forma um predicado complexo. Como exemplo o autor cita a locução *ponerla de vuelta y media* que significa “insultar”. Conforme o autor, essa classe de locuções abrange diversas espécies que se caracterizam por sua

estrutura ou funções. O elemento em comum entre todas as espécies é que elas apresentam o aspecto de uma oração, que pode ser transitiva (*beber los vientos por una cosa*), intransitiva (*ir a gusto en el machito*) ou predicativa (*eso es harina de outro costal*); no entanto, quando elas são interpretadas como elemento oracional, suas funções sintáticas podem não coincidir com as do verbo contido na locução, *hacer aguas*, por exemplo, significa “urinar”.

Julio Casares diferencia as locuções verbais das nominais e infinitivas, já que as primeiras admitem modificação pessoal, temporal e modal. No entanto, de acordo com o autor, a coesão dessas locuções é diferente em alguns casos, posto que algumas admitem a interpolação de outros elementos, enquanto outras não. Neste caso, o autor considera que a fixação das locuções é relativa, uma vez que elas podem permitir ou não a interferência de outros elementos; reconhece, portanto, assim como os autores já estudados, que existe uma gradação da fixação das unidades fraseológicas, mais precisamente, das locuções.

Uma concepção de locução verbal

Como foi visto, a fraseologia é ainda um assunto bastante complexo, devido à diversidade conceitual acerca dos fenômenos fraseológicos e da dificuldade em reconhecê-los. No entanto, ao estudarmos a bibliografia especializada é possível perceber que há também pontos convergentes entre os autores. A estabilidade formal e a idéia de que o significado da unidade é depreendido pelo conjunto e não pelos elementos constituintes são características tratadas pela maioria dos autores. Embora eles usem termos diferentes para explicar esses fenômenos, todos, desde Bally até Tagnin, admitem que as unidades fraseológicas possuem graus de fixação diferentes, os quais determinam a estabilidade da unidade e permitem, aos autores, classificar e denominar os fenômenos

fraseológicos, que vão desde *frases feitas*, *unidades sintagmáticas* (Saussure); *agrupamentos fraseológicos*, *séries*, *unidade e locuções fraseológicas* (Bally); *expressões fraseológicas*, constitutivas do *texto repetido* (Zuluaga); *unidade fraseológica* (*colocações*, *locuções e enunciados fraseológicos*) (Corpas Pastor); *expressões idiomáticas* (Tagnin).

Através das contribuições destes autores e, mais especificamente, das afirmações acerca das locuções feitas por Corpas Pastor e Casares, será possível propor uma concepção mais ampla de locução verbal, através do seu conceito e da identificação de suas características:

Conceito: são expressões de uma língua constituídas por uma combinação estável de duas ou mais palavras que apresentam um sentido não literal, compreendido pelo significado global da combinação, e que são formadas por um ou mais núcleos verbais que podem receber um complemento e/ou vir acompanhadas de pronomes (ver esquema), além de serem expressões que costumam aparecer em negativas.

Características:

- a) são idiomáticas: porque são peculiares a uma língua e porque são combinações de duas ou mais palavras, que funcionam como elemento oracional, cujo sentido unitário não se justifica pelo significado individual de cada constituinte, mas sim pelo conjunto. Assim, as locuções apresentam uma função conotativa ou “figurada”, já que não podemos deduzir o significado da expressão pelo seu sentido literal. São, portanto, opacas, ou não-transparentes.
- b) são estáveis e possuem graus de fixação: possuem uma estabilidade formal, uma coesão sintático-semântica, podendo ser mais ou menos fixas, conforme a possibilidade, ou não, de inserção de elemen-

tos (*colocar (mais) lenha na fogueira*). São muito raros os casos de substituição de elementos, em algumas ocasiões, não sempre, podemos substituir o verbo da locução por outro de igual valor (*pôr/ colocar lenha na fogueira*), mas dificilmente poderemos substituir o substantivo, ou o outro elemento que vem junto ao verbo (não podemos dizer, por exemplo **pôr carvão na fogueira*), uma vez que é este elemento que fornece a maior parte do significado conotativo da expressão. Podemos dizer, então, que é mais característico das locuções a não permissão de substituição. Elas não permitem, ainda, a reordenação dos constituintes da unidade (**o pau da barraca chutar*);

- c) frequência: a unidade é consagrada pelo uso, quanto mais alta for sua frequência de coaparição, mais chances há de ela se consagrar como uma locução;
- d) convencionalidade: a repetição faz com que a expressão se torne uma convenção entre os falantes e, conseqüentemente, se fixe mais e mais. Os falantes não criam suas próprias locuções, mas usam combinações já produzidas diversas vezes no discurso, ou seja, já convencionalizadas;
- e) admitem modificação pessoal, temporal e modal (*a vaca foi/ irá/ pro brejo*).

É, enfim, de suma importância identificar e conhecer os fenômenos fraseológicos de uma língua, pois, assim como afirmou Saussure, nós não falamos por palavras isoladas, pelo contrário, a todo momento, usamos combinações “pré-fabricadas” na língua para nos comunicarmos. Por isso, ao se estudar uma língua estrangeira a aprendizagem dessas combinações torna-se essencial para o pleno domínio do idioma, uma vez que ao saber usá-las adequadamente ou entendê-las ao serem produzida por alguém em uma situação comunica-

tiva determinada, o falante demonstra um desenvolvimento linguístico fluente.

O objetivo deste artigo foi, portanto, analisar as locuções do tipo verbal, partindo-se do pressuposto que o primeiro passo ao se trabalhar com fraseologia, seja com relação ao seu tratamento em obras lexicográficas, seja no ensino de línguas estrangeiras, é o de conhecer sua definição, suas características, seu funcionamento e a sua formação, para saber identificá-las e tratá-las de modo eficiente dentro de dicionários, ou dentro de uma sala de aulas em um contexto de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

BIBLIOGRAFIA

- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1951.
- CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- PASTOR, Glória Corpas. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. *O Jeito que a Gente Diz*. São Paulo: Disal Editora, 2005.
- ZULUAGA, Alberto. *La fijación fraseológica*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1975.

ABSTRACT: The phraseology is an element of greatest difficulty to anyone who is studying a language and / or working with a foreign language, due to all its diversity of structures and names, and their specificities. One of the biggest obstacles to understand it is in the large amount of variation for denominative conceptually very similar structures. Therefore, this article aims to present a conceptual definition of efficient phraseology, through a study of literature, from which we can identify the characteristics of this phenomenon and understand it better. This work deals with syntactic structures specifically, known

as verbal phrases as these units are idiomatic and not allow a literal translation, which justifies its complexity.

Keywords: Phraseology – Verbal Phrase – Foreign tipos,